A Face pela Face

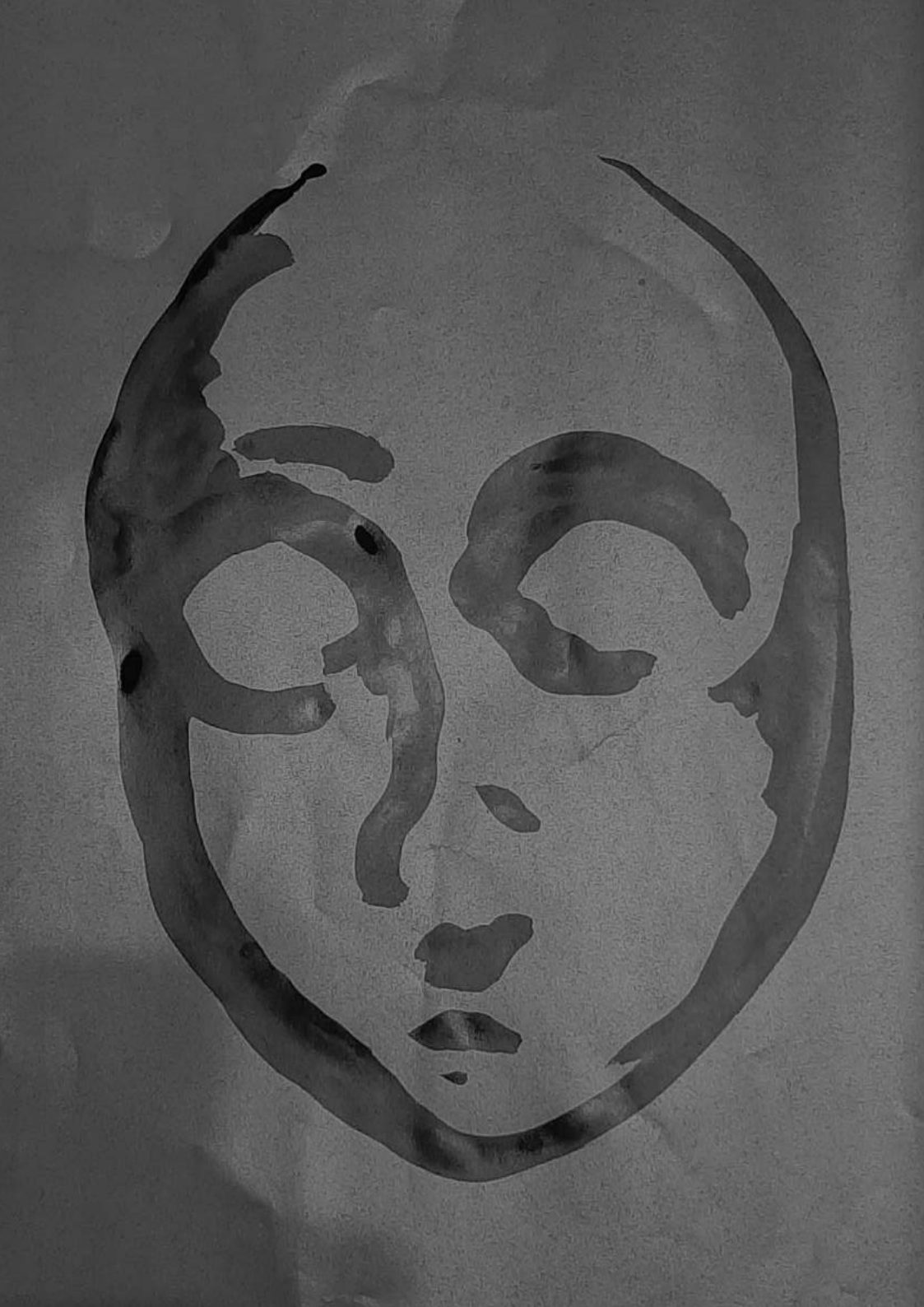
Uma publicação do Prof. Dr. Enos Gomes Augustus Daskalaskis, acerca dos mistérios e revelações da face, enquanto entidade. O presente texto inclui relatos de um potencial encontro com o sobrenatural, bem como as anotações originais do professor. Esta edição abarca ainda uma conversa com os trabalhos da artista visual Beatriz Fontoura Martins Mynssen, uma adição requisitada pelo Dr. Enos desde as primeiras publicações de seu texto.

Um homem completamente regular em todos os aspectos, mas que me ensinou um bocado. Enos é um ser humano como qualquer outro, mas creio, precisamente por isso, distinguir-se de todos os outros; é único em sua generalidade e, portanto, soberano. Filho de um homem tão comum quanto ele, Daskalaskis dedica sua vida a ajudar outros homenzinhos indistintos a buscarem suas verdades. Em suma, mesmo que estas poucas linhas tivessem descrito completamente a natureza do Dr. Enos, ainda assim, dificilmente seria suficiente para alcançar sua essência, pois é daquelas que não se aprisiona em simples palavras. Professor, escritor, filósofo, psicólogo, cientista e amigo, essa figura hermética vai além do que os olhos podem ver ou os ouvidos escutar. Se hoje escrevo um pouquinho de minhas verdades, devo ainda muito às suas.

Beatriz Fontoura Martins Mynssen

A FACE PELA FACE **1**

O OUTRO **9**
PRIMEIRAS PALAVRAS **15**
UM POUCO SOBRE O SÍMBOLO **17**
ENANTIODROMIA E OUTROS CONCEITOS **21**
Paralelos literários **24**
Analogias nas Artes Visuais **33**
Penúltimas palavras **38**



O OUTRO

Primeiro eu o vi na água. Tomei por uma reflexão distorcida na face trêmula do lago, uma impressão. Depois apareceu-me na janela de sobressalto, tal como uma assombração, fazendo-me tornar o olhar ao quarto, procurando o dono de tão peculiar imagem. Um dia durante um almoço pensei tê-lo visto na prata da colher que segurava, não obstante, assumi ser algum objeto deformado pela curvatura do talher. E assim foi surgindo aos poucos essa aparição curiosa. Na bacia d'água, nos pratos, porcelanas e vidraças, o Outro começava a tomar forma.

Ali entra as distorções naturais da luz e das formas se tornava fácil ignorar sua presença, tomar por um engano dos olhos, ou cansaço da mente. No entanto, com o passar dos dias, foi se tornando mais eminente aquela face estranha, desvelando seus traços em outros, deturpando as linhas de minha visão. Uma vez, sentado de frente para a janela de um café de esquina eu o vi pelo vidro, em um senhor que parava para analisar os doces da vitrine. Tomei meu casaco e pus-me em direção ao homem e chamei-lhe a atenção, apenas para perceber que ele não era aquele que me olhava no espelho, muito embora não conseguisse eliminar o pensamento de que alguma familiaridade ali havia.

Decidi segui-lo por um tempo, apenas para me certificar que nada de errado haveria com aquele estranho apreciador de pães doces. Em verdade sabia que de nada me certificaria essa busca, mas aquele senhor foi o mais próximo que cheguei do

encontro com o dono do rosto refletido e nisto me agarrei. O dia do homem passou sem grandes descobertas. Um café, um relojoeiro, um florista e então tornou à casa. Com a luz do dia esvaindo-se, procurei deixar de lado os pensamentos sobre a face misteriosa e voltar também ao lar. Contudo, na iluminação pérfida do crepúsculo, agora todos os rostos imitavam àquele Outro. Nos queixos de uns e bochechas de outros, começava a enxergar. Aquele que me empulhava.

Então nos óculos largos de outrem, enxerguei os olhos da visão. De alguma forma, sob a aba do chapéu, aquelas lentes me observavam ainda que não olhassem em minha direção. Resolvi que iria de encontro a elas e assim, em um encontrão planejado, topei com o homem de óculos redondos, mas levantando olhar para encontrar o meu, já não possuía mais o semblante do Outro. Desculpei-me desconcertado pela trombada e procurei seguir meu caminho sem desvios, sem olhares dispersos nos olhares de outros.

Aquela face agora me atormentava. Ali, mas nunca aqui. Quanto mais a buscava, mais a perdia e no momento que tentava esquecê-la, então me memorava. Não vivia meus dias em paz sob o olhar constante da figura perene, que tinha a certeza, de longe observava cada passo meu. Haveria de se pensar que com o tempo me acostumaria à sua presença etérea, mas pelo contrário, tornava-se cada dia mais intolerável o olhar frio daquele rosto sem dono e insuportável a distância sem medida entre mim e aquele que me observava. Resignei-me aos banhos no escuro, cortinas cerradas, cobertura

de espelhos e toda a prataria, copos de madeira e a permanência de poucos talheres na casa.

No entanto, minha perdição se deu quando me arrumava para um evento de incalculável importância. Dava os últimos tratos na aparência, conformando-me de que novamente voltaria a vê-lo sob as sobrancelhas de algum estranho. Confrontado este fato, pensei que não faria mal um pequeno vislumbre de meu estado no espelho preso à parede. Puxando o pano que cobria tão temida superfície, tive um alívio momentâneo ao ver minha imagem solitária na vastidão do quarto, quando, chegando mais perto e aguçando a atenção, o notei ali. Não ao lado ou atrás, mas bem à frente, sobreposto à minha própria face, estava aquela outra que me seguia. Me movi para os lados, tentei abaixar-me ou afastar daquele espelho maldito, mas ainda assim, lá estava e lá permaneceria o rosto que zombava do meu. Estava certo que chegara a aterradora insanidade e aproximei minha fronte do espelho, como que testando o fino limite entre mim, o Outro e a loucura. Ali continuava impassível e sublime, a visão, tal como uma afronta ao meu estado atordoado.

Sucumbindo ao inquestionável fato de que estava finalmente mentecapto, deixei relaxar o corpo, entreguei-me à um riso catártico e voltei a encarar a face no espelho. Esta pois não ria. Nenhum esboço de riso encontrava naqueles lábios inexpressivos, apenas o olhar me retribuía com aqueles olhos vazios, mas que me pareciam cheios de escárnio. Lá estava, apenas observando. Não demonstrava riso ou choro; nenhum sinal de angústia, embora tampouco parecesse serena; não me demons-

trava raiva nem paixão. Aquele Outro apenas observava. Nem ao menos sei se olhava para mim, tal como fosse eu uma reflexão mais viva de sua real imagem através do espelho ou se sua visão passava diretamente por minha matéria para observar o vazio silencioso de meu quarto refletindo o vazio inquietante de seus olhos.

Assim permaneci, mais tempo do que deveria, retribuindo o olhar do Outro, até perceber que aqueles olhos que tanto me incomodavam e miravam, nem mesmo existiam. Apenas duas órbitas vacantes pairavam sob um nariz ora reto ora torto. Uma vez li que "Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você. " e agora me encontrava de frente para um precipício vigilante. De fato, quanto mais me demorava no vazio daquele "olhar", mais expressivo me parecia, será que me julgava como também eu o fazia? Tinha certeza que enxergava em mim meu medo e o fascínio, mas agora me perguntava se não sentia o mesmo aquele ser do espelho. Não teria medo que descobrisse o segredo por trás de seus abismos?

Por um momento deixei-me perder o foco das órbitas extraordinárias e mergulhei na imagem por inteiro. Notei uma orelha que aparecia tão breve quanto se ia e me perguntei se aquele Outro escutava. Teria escutado o desespero de meu riso ou meu chamado pelas ruas no cair da noite? Julguei que sua escuta era intermitente. Mas bom, que diferença há nisso da escuta seletiva de tantos outros? Eu também me desfaço de minhas orelhas quando quero, talvez o Outro tenha apenas menos agência na escolha de sua escuta, teria de esclarecer depois.

Por fim tornei a boca que nem sorria ou entristecia. Não que fosse desprovida de expressão, agora que reparava, mas tantas coisas ali haviam que nenhuma se sobressaia. Em um emaranhado de linhas, não podia distinguir a angústia da felicidade e talvez nem ele próprio pudesse. Fora sempre assim o Outro ou a face observara tantas coisas que agora estas se embaraçavam abaixo do nariz? Nesta multidão de eventos estava o meu descontrole anterior e, por um momento, pensei vir a calhar o silêncio do rosto, já que não sairia por aí nas faces de outros a revelar meu pânico secreto.

Após uma análise extensa daquela imagem fantasmagórica, esta não mais me causava pavor, embora seu olhar perdido ainda me perfurasse. Acabei lembrando daquela leitura sobre o abismo e a frase que acompanhava a posterior: "Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não tornar-se também um monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você.". Eu teria de aprender a conviver com a presença curiosa daquele rosto, pois após me lançar em seu abismo percebi que era também meu. Deveras, poderia ser de qualquer outro, mas era meu e assim o tomei para mim. Abri as cortinas, descobri os espelhos e levei comigo as marcas daquela face.

PRIMEIRAS PALAVRAS

Querido leitor, o que acabou de ler se trata do mais sincero relato vivenciado por aquele que vos escreve. A veracidade da história como experiência real de um encontro hermético, ou mera criatividade narrativa fica a seu critério, pois pouco me importa o que um ou outro pressupõe que vivi ou sonhei. Ademais, nas próximas páginas, esse tipo de juízo será de pouca valia para a compreensão do que, em verdade, buscarei elucidar. Por conveniência, tratemos então da prosa como narrativa simbólica, seja ela real, seja completamente fabulada, assim espero chegarmos ao cerne da questão.

No caso, o enigma a ser tratado se refere a face etérea. Em minhas investigações sobre as potenciais origens, explicações e desígnios dessa figura que é tão minha quanto de outro, me deparei com conhecimentos extraordinários, os quais buscarei compilar e clarificar no andar desta publicação. Visto que disponho, aqui, de pouco espaço para divagações e maiores explicações, tratem deste livreto como um mero convite a leitura de um trabalho mais extenso e ainda em desenvolvimento. Espero que com isso, possa incitar meu caro leitor a realizar os mesmos questionamentos que aquele Outro me propôs e quem sabe, encontrar tantos mistérios quanto os que encarei em minha jornada.

Gostaria ainda de introduzir um novo paralelo com a Arte. Descobri que muitas vezes, essas indagações metafísicas se transmutam em arte, pois creio ser um meio de expressão humana sem igual.

Através dos anos, podemos, através das obras de artistas, desvendar muito de suas ambições, emoções ou do próprio *Zeitgeist*. Ora, encontrei ainda casos análogos ao que aqui ostento, de forma que seria um grave detrimento a esta pesquisa deixar de dissertar sobre essas produções e seus autores.

Para minha alegria, nesta edição da publicação, conto com a exposição de alguns trabalhos da artista visual Bia Mynssen, com quem muito me conectei através desta obra literária. Acredito que suas produções artísticas com a face acrescentam muito, visual, ao texto e estabelecem novas conversas sobre o tema em um contexto mais contemporâneo.

Assim, bem quistos, convido-vos a abrir mão de seu juízo de valor, esqueçam suas presunções e pressuposições, pois encerram-se aqui quaisquer verdades absolutas. Deixem-se levar comigo a um reino obscuro de questões sem respostas, para que, através de algumas pontuações psicológicas, filosóficas, artísticas e literárias, possamos lançar alguma luz sobre este império inacessível que somos nós, os humanos, demasiadamente humanos.

UM POUCO SOBRE O SÍMBOLO

> "O que chamamos de símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. (...) Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto imediato." (JUNG, 2016, p. 18-19)

Essa é uma definição que muito me satisfaz. Sendo o símbolo oculto em sua manifestação, ultrapassando seu "significado manifesto imediato", justifica-se a análise do texto apresentado anteriormente, pois não se deixaria ler completamente sem atentar às entrelinhas. O que quero dizer é que, tal como um símbolo, nossa narrativa (real ou inventada) tem um lado literal dos acontecimentos, e outro que responde à uma linha de interpretação mais analítica e até pessoal, na qual nos atemos aos significados simbólicos de certos elementos. Dessa forma, a história supracitada pode encerrar-

se em uma mera descrição, ou abrir-se em um ramalhete de possibilidades de descoberta interior, não apenas do relator dos fatos, mas também daquele que o observa.

Com isso, convido meu caro e hipotético leitor a esgotar as possibilidades simbólicas do texto apresentado como relato. Identifique em cada "óculos" e "espelho" um signo oculto que desvela algo de si, caso queira. Por mais que me interesse esse exercício, há ainda muito o que falar e pouco espaço a percorrer, de modo que prossigo para outras questões.

Em um de seus textos sobre o artista suíço Giacometti, Jean-Paul Sartre menciona que "(...) cada uma nos confia esta verdade: o homem não é antes para ser visto depois, mas ele é o ser cuja essência é existir para o outro." (SARTRE, 2012, p.34) e nisto acredito conter o motivo de meu fascínio. O homem (aqui traduzido na face) não existe por si, mas pelo outro, não só em sua função, mas também na sua necessidade própria de autodescoberta – visto que, seria impossível, notando seu encargo, conhecer-se a si próprio; ou seja, precisa discernir o outro para então distinguir-se.

A questão é que, acredito que este outro simbólico, nem mesmo necessite carne e osso para se fazer manifesto, talvez até pelo contrário, pois como aponta Lévinnas (CARDOSO e MACHADO, 2017, p. 12): "O outro é e permanece um mistério, como o que me escapa sempre, eu não posso toma-lo tal como um objeto. Nesse sentido, o rosto é ausência que nunca está presente já que a presença é o registro do ser.". Portanto, em suma, o que

digo é que, ainda que físico, o rosto (ou o ser) é essencialmente um conceito, um símbolo, uma ideia inapreensível e, presumo, em sua impossibilidade de absorção: quanto mais se busca capturar, mais se distingue o que se perde. Entretanto, exatamente esta infinidade, que o torna tão críptico e inacessível, é o que mais nos incita conhecê-lo em sua vastidão deífica, pois assim como quando se descobre uma coisa, outra é coberta, é também através do conhecimento do que permanece oculto que se conscientiza o revelado.

> "Isso porque, o rosto de Outrem traz sempre uma novidade, algo não pensado (ainda). Convém lembrar que o desconhecido vem de fora, é exterior, estrangeiro e me traz algo que eu não possuía. Pode ser um ensinamento; precisamente de seu rosto." (CARDOSO e MACHADO, 2017, p. 4)

Em suma, conhecemo-nos através do outro; a partir da observação de seu rosto, o nosso próprio vai sendo esculpido. Então, descobrindo o que não somos, delimitamos melhor o que somos; reconhecendo que algo nos permanece oculto, nos damos conta do que já se revela.

ENANTIODROMIA E OUTROS CONCEITOS

> "Old Heraclitus, who was indeed a very wise man, discovered the most extraordinary of all psychological laws, namely, the regulating function of the opposites. He called it enantiodromia (a running contrary ways), by which he meant that everything tends sooner or later to go over into its opposite." [1] (JUNG, 1928, p, 74)

O trecho destacado nos traz uma fala inicial, uma primeira noção do que seria a enantiodromia. Esse conceito se refere a uma espécie de regulação de opostos, isto é, quando um elemento ascende, logo seu antônimo busca ressurgir. Assim, não necessariamente existe um equilíbrio (constante ou momentâneo), mas sim uma oscilação entre estágios e polos. Esse conceito será importante em nossa elucidação psicológica, no qual buscarei apresentar, humildemente (e, infelizmente, extre-

[1] Em tradução livre: "O velho Heráclito, que era de fato um homem muito sábio, descobriu a mais extraordinária de todas as leis psicológicas, nomeadamente, a função reguladora dos opostos. Ele a chamou de enantiodromia (uma corrida em direções opostas), com o que quis dizer que todas as coisas tendem, mais cedo ou mais tarde, a se transformar em seu oposto. "

mamente resumido), como Jung se utiliza da enantiodromia sugerida por Heráclito, na percepção da construção da personalidade e do inconsciente humano.

Como supracitado, não me estenderei, aqui, neste tema, visto que temos ainda alguns outros de igual importância, a serem tratados. Por hora, que importa saber, enquanto faísca de uma conversa muito maior, é a dinâmica estabelecida entre *sombra* e *persona* na ótica de Jung:

> "A persona é uma construção feita a partir de uma mistura de questões pessoais e sociais, adotada para um fim específico. Esta pode ser consciente em maior ou menor grau (Stein, 2006). Jung considera que esta máscara aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é única, quando não passa de um papel, proveniente em grande parte da psique coletiva. Ela tem aspectos da realidade interna, de modo que o ego pode se identificar com a persona de modo exclusivo, mas, em última análise, não é real, pois representa mais o compromisso entre o indivíduo e a socie-

> dade do que da verdadeira individualidade (Jung, 2008).” (SOUZA, 2020, p. 13)

Entende-se então que a persona atua como uma espécie de máscara que intenta esconder a sombra da impressão de outros sobre si, além ainda da sua própria. Visamos esconder a sombra, uma vez que contém muito daquilo que julgamos não poder ser mostrado aos demais membros de uma sociedade, ou ainda, aquilo que simplesmente não se quer deixar transparecer. Essa tentativa nem sempre é algo que se faz perceptível, isto é, pode bem ser uma atitude não intencionada conscientemente; pode apresentar-se na forma de uma luta do peculiar do inconsciente em camuflar suas partes indesejadas. Destarte, ocorre uma oscilação natural entre sombra e persona no encargo do ego, momentaneamente.

Isto posto, pergunto-me se a face que observava nos reflexos não se trata desta sombra sorrateira. Aquilo que me espreita tal como uma fera na selva, indomada por meu ego disfarçado, é quem sabe a parte de mim que não coube à luz. O que se mostrou no rosto de outros e que desfigurava o meu próprio, desvirtuando a hipocrisia que vestia neste baile de máscaras, é minha deformidade tão malquerida; é a terrível criatura que encontrei no fundo de minha sacola.

PARALELOS LITERÁRIOS

Pois bem, aqui faço uma brusca mudança de campo, mas não de assunto. Já me deparei com semelhantes teratismos duais na literatura, em especial, no Romantismo e na literatura gótica. Através de um mergulho na individualidade, muitos autores se debruçaram sobre a dicotomia humana, justamente no que concerne esse dualismo abordado no tópico anterior, entre o "eu" que aparentamos e aquele que negamos revelar – ou ainda o "eu" e o "outro". Notadamente, no que tange os romances da época, "O retrato de Dorian Gray" e "O estranho caso de Dr. Jekyll e Mr. Hyde", são duas narrativas que considero expoentes do tema.

Não me alongarei nos pormenores destas narrativas, mas ambas tratam dessa dicotomia humana, que poderíamos associar com os papéis da "persona" e a "sombra" junguiana.

A face que me atormenta, desfigura e deforma, desperta a atenção a este Outro que apenas observa, por ora, ainda que não me mostre o que esconde por trás das órbitas vazias, mas quão macabro seria admirar a abominável alma humana sem censuras ou barreiras, pois entre o homem e o retrato, não há nenhum véu dubitável.

Tudo isto pois pode ser interpretado de formas diversas, tal é o encanto do símbolo. O sim-

bólico é tão humano quanto numinoso, só se apresenta na presença de um espectador que o interprete e se torna peculiarmente particular a ele. Só tem significado real quando interage com o homem vivo, a cultura, a religião, sendo exclusivo de cada contexto. Assim, os símbolos mudam, surgem e desaparecem, pois são tão voláteis quanto o homem vivo (JUNG, 2016). Devemos, por consequência, manter isto em mente, visto que todas as elucubrações pessoais que se pudessem fazer sobre estes elementos simbólicos na literatura, de nada lhes serviriam se não para rogar que se atentem aos sinais destes Outros, espreitando nas esquinas de suas casas.

Encontro, porém, em "O Homem da Multidão", de Edgar Allan Poe, o maior paralelo com meu encontro hermético. É, para mim, um indício de que certamente não era o único a aprofundar-me nos olhos de outros; um indício que confirmava todos os anteriores. Vejamos então o que se escreveu sobre o homem de todos os homens.

"Es lässt sich nicht lesen" [2], assim inicia Poe. Esse comentário, aparentemente desconexo com o texto em questão, deveria na verdade ser levada conosco até o fim da leitura, quando novamente a encontramos. Agindo tal como um lema do conto, foi o que me colocou a ruminar por meses a fio, a fim de melhor compreender meu próprio rosto desfigurado. Pois bem, buscarei então resumir a história em sua essência e ater ao que nos importa.

[2] "Não se permite ser lido" em tradução livre. A frase aparece como referência a "um certo livro alemão"

Com esta importante asserção se inicia a prosa:

> "There are some secrets which do not permit themselves to be told. Men die nightly in their beds, wringing the hands of ghostly confessors, and looking them piteously in the eyes – die with despair of heart and convulsion of throat, on account of the hideousness of mysteries which will not suffer themselves to be revealed. Now and then, alas, the conscience of man takes up a burden so heavy in horror that it can be thrown down only into the grave, And thus the essence of all crime is undivulged." [3] (POE, p. 129, 2016)

[3] Em tradução livre: "Existem alguns segredos que não se permitem contar. Os homens morrem todas as noites em suas camas, torcendo as mãos de confessores fantasmagóricos e olhando-os piedosamente nos olhos - morrem com desespero de coração e convulsão a garganta, por conta da hediondez dos mistérios que não se deixarão ser revelados. Vez ou outra, infelizmente, a consciência do homem carrega um fardo tão pesado de horror, que pode ser jogado apenas na sepultura. E portanto a essência de todo crime não é divulgada."

Nota-se nisto o primeiro indício de um narrador assombrado pelos mistérios do homem; pelo que espreita por trás de máscaras. É também sinal para atentar que assim como o livro alemão antes mencionado, o homem não se deixa ser descoberto, não sem resistência e perspicácia. Dessa forma, esta personagem, que da doença tornou à saúde, põe-se a desfrutar dos pequenos prazeres da vida, o que o leva a um café, onde observa os transeuntes.

Ao entardecer, o fluxo de pessoas aumenta, assim como o interesse do narrador nas faces e maneiras de cada um. As vestes, portes e manias denunciam, a seus olhos, seus ofícios e classes, de modo que nos descreve todos os tipos que ali perambulam. Com o passar do tempo os rostos se alternam e uns que saem dão lugar a outros que entram, dentre eles, um senhor estranhamente peculiar.

Peço aos senhores leitores que me perdoe aqui a digressão, porém achei um tanto curiosa essa passagem quando a li pela primeira vez. Tenho ciência de que o que estou prestes a elucidar não se refere à realidade do livro que comentamos, mas sim a um acontecimento enigmático que vez ou outra me ocorre e que Poe, talvez por algum equívoco meu, fez-me recordar. Memorei o fenômeno raro e singular que sobrevém quando miramos um rosto de um conhecido e, inesperadamente, sem qualquer mudança aparente na fisionomia, nos parece alguém completamente diferente.

Apeguei-me a esse pensamento e creio ter conversado sobre ele, tempos atrás, com alguns

amigos que me confirmaram ter passado por circunstâncias similares, logo talvez não possa afirmar ser um fenômeno universal, mas ao menos não me parece exclusivo. Então o que provocaria essa estranheza de uma discrepância sem modificações? Quiçá seja um câmbio inconsciente de como percebemos o caráter de determinada pessoa, que assim nos parece mais feia ou bonita, familiar ou desconhecida, de acordo com seus atos pregressos. É possível ainda que tenhamos, pela primeira vez, reparado algo que nunca antes nos chamara a atenção. Uma orelha mais proeminente ou nariz alongado que não nos dávamos conta, mas que ao reter o olhar, desfiguraram completamente qualquer noção de face conhecida. Por isso indago-me se chegamos, efetivamente, a sondar um rosto, que dirá uma pessoa inteira, acompanhada de seus atos e palavras.

Agora me convenço de que jamais conheci a fisionomia de outrem da forma como presumia. Julgo ser impossível apreender todos os segredos dos cenhos que por aí vagueiam em um desenho ou pintura, pois quando passar à ponta do lápis já será tarde, a imagem terá passado pela percepção falha de nossos olhos e juízo comprometido de nossa mente; algo certamente se terá perdido, algo que nos daremos conta apenas anos à frente, quando novamente o semblante se mostrar obscuro. Vejo, neste instante, que disto há de melhor falar-se mais à frente, de forma que por ora encerro esta divagação para voltarmos à discussão original.

> "He refuses to be alone. *He is the man of the crowd.* It would be in vain to follow; for I shall learn no more of him,

> nor of his deeds. The worst heart of the world is a grosser book than the *Hortulus Animae*, and perhaps it is but one of the grat mercies of God that *es lässt sich nicht lesen*." [4] (POE, p. 138, 2016)

Isto posto, temos então um homem que não se deixa revelar, e outro que não se conforma com seus segredos – muito embora entenda-se que, ao mesmo tempo, já não suportaria vê-los desvelados. Julgo ser fácil imaginar os possíveis motivos de inquietação diante da imagem desconhecida ou inusitada, assim é a curiosidade humana, inconformada com tudo aquilo que ainda não compreende. Suponha um rosto que desperte tamanho interesse investigativo, catalizador de fabulações profusas e desconforto intenso diante do mistério. Também eu o perseguiria até que se tornasse insuportável mirar-lhe os olhos, ou falta destes, em meu caso. Com isto penso outrossim neste terror do homem que poderia ser qualquer outro.

O homem da multidão é aquele que não se identifica, não se pode apreender sua singularidade, pode ser tanto um quanto outro: "es lässt sich nich lesen" e nisto jaz seu mistério e horror.

[4] Em tradução livre: "Ele se recusa estar sozinho. *Ele é o homem da multidão*. Seria em vão segui-lo; pois não hei de saber mais nada dele, ou de seus feitos. O pior coração do mundo é um livro mais grosseiro que o *Hortulus Animae* e, talvez, não seja mais que uma das grandes misericórdias de Deus que *es lässt sich nicht lesen*."

Aquele que desconhecemos, tem potencial para bem e mal, como qualquer outro, mas aquele que, neste mar de outros dúbios, não se deixa anunciar, tem em si algo de sombra. Estes que, como ratos correndo aos esgotos, se escondem das luzes dos postes e evitam os olhos alheios, quiçá tenham temor do que revelariam seus espelhos d'alma desnudos. Entretanto, como se relata no conto, não bastaria apenas mirar aos olhos, que ainda assim nada revelariam, pois é preciso um tanto de temeridade e um pouco de imprudência para expor tais mazelas. Ademias, é da natureza do Outro seu mistério:

> "A vida interior, cuja expressão é o rosto ou a palavra do Outro só pode ser acolhida, recebida; não compete ao Eu descrever esta vida interior cujo modo de ser consiste precisamente em não se deixar desvelar: a sua verdade é o seu ocultamento, seu velamento ao ser descobridor." (CARDOSO e MACHADO, 2017, p. 3)

Não obstante, ao investigar a superfície de um lago escuro e profundo, aguçam os medos dos mistérios das profundezas. Bestas marinhas e horrores incontáveis aguardam a espreita, ou ao menos assim pensamos. Logo, ainda que tivéssemos a oportunidade de aprofundarmo-nos nestes rostos

herméticos, seria talvez mais prudente deixá-los intocados. De qualquer forma creio ser exatamente isto o que ocorre, na maioria dos casos, pois o medo das possibilidades é tamanho, que as hipóteses se tornam satisfatórias. No fim das contas, é um milagre que permaneça obscura a face do lago, tal como é uma benção, a ignorância.

Portanto agimos todos como "eus" e "outros", na linha tênue entre a sombra e sua máscara. Neste baile preto e branco, enxergamos nos olhos de outros, os nossos próprios, que por sua vez, nada mais são que espelhos para a alma de quem os espia. Assim, essa dança nos ensina, se permitirmos, algo de alteridade e humildade. Tomemos coragem de reter o olhar e, nesse ato compassivo, alcançar a deformidade por trás do disfarce sem acovardar, mas tendo empatia para compreender que aquelas são também estas; o alterno, um mesmo; o Outro, um Eu.

ANALOGIAS NAS ARTES VISUAIS

De todos os artistas que encontrei pelo caminho, me deparei com o mais interessante paralelo em Alberto Giacometti. Uma busca obsessiva pelo rosto e apego aos olhos; a tentativa de captar o real na imaginação; inconformismo com a natureza volátil do desconhecido. Tudo isto me atrai em maior ou menor grau, de modo que acredito ser possível uma conversa autêntica com vida e obra do artista, em especial, seus desenhos. Ademais, acho que conversa de forma interessante com a produção de Bia Mynssen (como ela própria me confessou, relatando seu interesse pela obra do artista suíço), que adorna algumas das páginas deste exemplar.

O artista demonstrava uma certa fixação com a representação do real, da face, especialmente. Desenhos que permaneciam incompletos pois, constantemente, algo diferente aparecia no mesmo rosto. Isto relaciona-se, acredito, com as duas experiências que teve com o momento de morte, em 1921 e 1946. Na primeira ocasião, lhe pareceu ver o nariz crescer e na outra, a cabeça inclinava para abrir a boca. Isto resultou em visões de (extra)ordinárias frontes que procurava converter em desenho e escultura.

Este foi um dos primeiros pontos de interesse, além da própria forma que tomam seus seres humanos. Lembro ter visto um ou outro morto ao longo de meus anos e sempre me pareceram tão diferentes nas pequenas coisas. Claro, sendo cadáveres, logicamente perderam muito da cor, quiçá um

pouco da massa, mas ainda assim, tão estranhos me eram seus rostos. Objetivamente trata-se da mesma pessoa, mas já não carrega seus traços; todas aquelas diferenças que notava com o passar de anos, agora esbravejam sem denunciarem-se. Me perguntava em que instante impalpável aquele Eu se tornava completamente Outro.

De qualquer forma, assim se deram os cenhos de Giacometti. Emaranhados de linhas que exploram percepções de um rosto enigmático, tateando os limites da face real e a concebida. Sempre detidos em olhos que se esforçam para transcender a tinta e o papel, a fim de retribuir o olhar. Pouco a pouco nota-se que aprendem a usar as retinas.

Há ainda uma questão inusitada no que tange suas esculturas, como discute Sartre, dado que existem sempre a uma distância do espectador. Ainda que se possa tocar sua matéria, jamais chegaríamos aos homens e mulheres retratados eternamente distantes. Em suas palavras: "Assim, a distância dos personagens em relação a meus olhos é *imaginária*. Se avanço, aproximo-me da tela, não deles." (SARTRE, 2012 , p. 25). Pondero se não seria como uma conexão entre planos, na qual, ao esticar minha mão, quase poderia ter a experiência tátil de algo que ainda não se faz presente em meu espaço, mas encontro apenas o mineral frio da escultura. Tal como o tênue limite entre Eu e Outro no espelho, sem poder ter a certeza tátil de um rosto a um palmo de distância, pois em verdade, não está lá, mas em outro canto desconhecido do subconsciente.

Nisto deve-se deixar de lado a formalidade restrita do realismo acadêmico, para de fato traduzir em Arte, as coisas como verdadeiramente são. Questionando o espaço, questiona-se consequentemente o limite e, portanto, onde começa objeto ou fundo, se é que podem existir separadamente neste contexto, pois:

> "O vazio insinua-se por toda parte – entre os olhos e as pálpebras, entre os lábios, nos buracos do nariz. Uma cabeça torna-se por sua vez uma aglomeração. Vocês diriam que essa estranha mistura condiz com a realidade, que o oculista pode extirpar o olho da órbita e o dentista, arrancar os dentes? Talvez. Mas o que se deve pintar? O que existe? O que vemos? E o que é que vemos?" (SARTRE, 2012, p. 66)

Considerando esse espaço, quão rapidamente um homem se torna uma multidão e o Eu, tantos Outros. Não seríamos capazes de dar conta desta infinidade tão temida por Giacometti, apreendemos apenas uma particularidade por vez: uma boca, um nariz, os olhos e quando se foca em um, o restante desaparece. É frágil esta distância, facilmente se

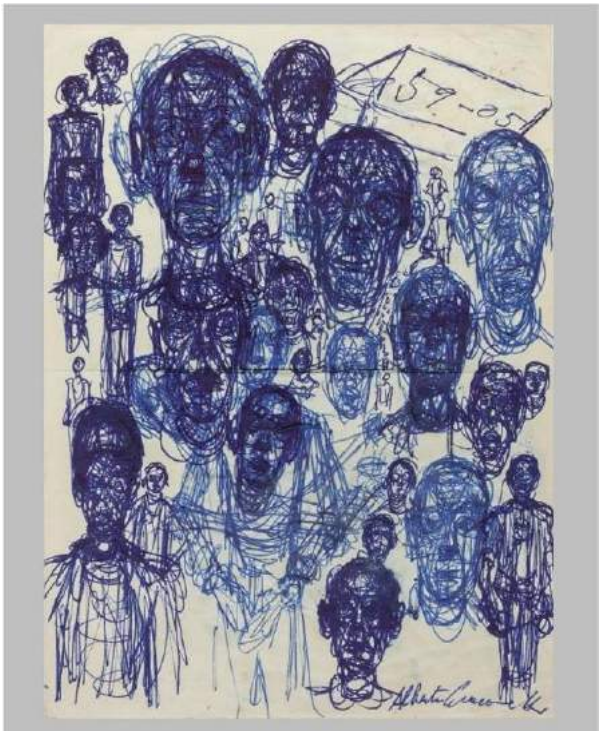
perde em um universo no qual a linha não necessariamente define, mas distorce o vazio para dar forma à presença.

Não deve, no entanto, equivocar-se em pensar que essa concepção de espaço e distância visa capturar a interioridade psicológica do ser. Como já discutido, o âmago do ser não é feito para os olhos de outro (ou mesmo de si próprio), de forma que não se deixa retratar. Ademais o artista em questão se afasta categoricamente desse desejo, pois entende que há um infinito intransponível entre Eu e Outro.

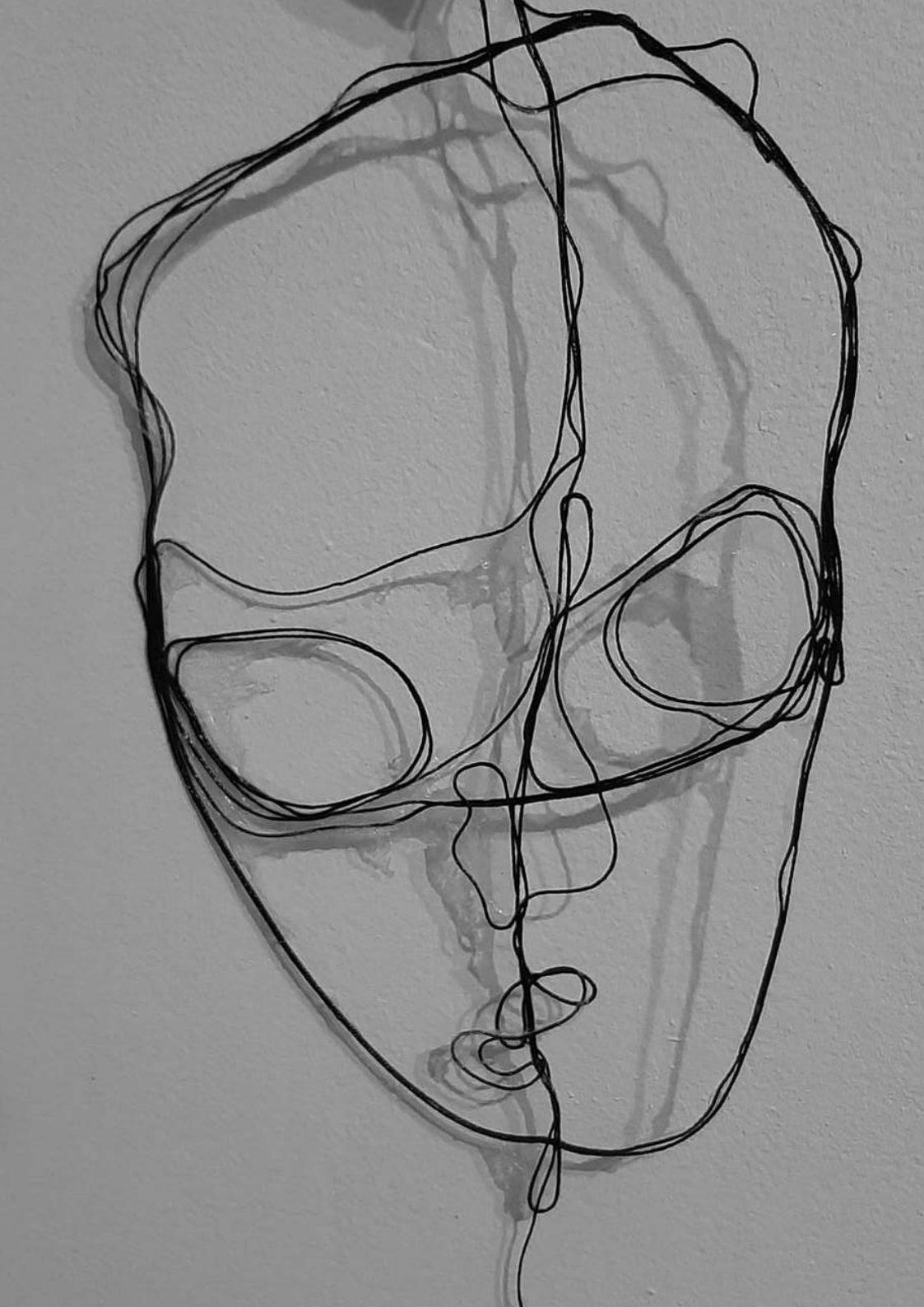
> "A intimidade que o artista buscava era mais interior que toda natureza íntima – familiaridade radicalmente desconhecida e estranha. Tal intimidade é esse ponto que olha para nós, a partir de uma realidade infinita, e que nos solicita a ver tudo pela primeira vez. É um olhar que vem de muito longe, do invisível, que nos ultrapassa, com quer Genet, e vai além no espaço e no tempo, e desaparece."

Se assemelha, curiosamente, a percepção que havia relatado algumas páginas atrás, de que um

determinado rosto, inalterado, parece então diferente. Tudo permanece como antes, no entanto, sejam talvez nossos olhos que mudaram, pois agora enxergam mais um pedaço, antes imperceptível, do todo. Trouxe pela primeira vez a atenção a algo que ainda não é capaz de compreender e não se perdeu nas demais linhas daquela face.



Alberto Giacometti.
Têtes d´hommes
Foundation Giacometti.
Fonte: https://www.fondation-giacometti.fr/en/article/409/giacomettis-drawings



PENÚLTIMAS PALAVRAS

Não nomeio este capítulo "Conclusão" pois este nunca foi meu intuito, uma vez que acredito ser da natureza do tema permanecer no infinito do inconcluso. Outrossim, de nada adiantaria dar por encerrada uma discussão numinosa, que encontrou novos mistérios assim que vossas senhorias tomaram este trabalho em mãos.

Além disto, este é apenas um pequeno texto que se fez oportuno publicar, com extensos cortes e alterações do material original – ainda que feitos por mim, buscando manter a coerência e as informações que considero mais importantes, não chega à metade de meu estudo ampliado. Portanto, estas são apenas, por ora, minhas penúltimas palavras no assunto, para que possam se iniciar as vossas.

Gostaria de dedicar este momento a um breve comentário acerca de uma interessante contraposição que me foi apontada. Muito se falou sobre Literatura e Arte como discursos de um mesmo tema, no entanto, vejo agora como se contrastam as visões apresentadas.

No campo literário, a coexistência entre Eu e Outro torna-se insustentável a ponto de levar à destruição de uma das partes para que a outra possa prevalecer – o que, ironicamente, implica a aniquilação de ambas. Assim, Jekyll, ao suicidar-se, mata Hyde e Dorian, apunhalando o quadro, apunhala a si mesmo. Ainda que se reconheça a existência de

uma antítese paralela, ela raramente é aceita ou assimilada.

Diferentemente, no campo das Artes Visuais, esse encontro com o outro se sustenta na aceitação de seu caráter dual; construtivo e devastador. Dentre uma vasta gama de obras dicotômicas por natureza, aqui, é cada parte de um todo indefinido; multiplicação do olhar em um espaço-tempo infinito e intransponível, intrinsecamente paradoxo, nos rostos de Giacometti, que me revela essa verdade.

Assim, caros leitores, surgiu o desejo de tornar minha experiência mais que um simples relato. Vi muito que me interessou e cativou a criatividade, que despertou sentimentos e visualidades daquilo que vivenciei. Creio que minha própria versão do abismo que habita entre o buraco negro e a tela branca (DELEUZE e GUATTARI, 1996) caiba tão solenemente nos rostos aqui escancarados por Bia. Infelizmente, sou uma pessoa de palavras que pouco se aventura com telas e pincéis – é uma tarefa em que nunca me coube a excelência. Conquanto, tive o prazer de conhecer essa jovem artista de sensibilidade aguçada e uma escuta atenta, que tornou a publicação deste exemplar uma realidade possível.

Finalmente, bem quistos, lamentavelmente, é aqui que lhes devo deixar, pois minha singela parte neste ensaio era somente levá-los à reflexão e assim espero ter feito. Ensejo que possam encarar a narrativa que levou a toda esta divagação com bons olhos e ouvidos atentos e, quem sabe, com novas perspectivas. Além de tudo, espero que te-

nham paz ao mirarem seus reflexos, não pela inexistência de uma figura incorpórea, mas porque através destas páginas compreenderam que ela não cederá, é preciso resignar. Não temam as órbitas disformes que habitam nas frontes de outros, pois agora sabem que também lhe pertencem. Infelizmente, temo que cada passo que possam dar em sua direção, seja um passo que esta se distancia. Porém entendo que, nesta dança, enxergamos um pouco mais do infinito que se encontra por trás dos disfarces e isto está de bom tamanho, afinal, este é o milagre do homem da multidão. Em suma, mergulhem em suas próprias faces, criem suas próprias automitologias e deixem que as linhas disformes se apaziguem nos relevos de vossos rostos.